



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Pedagogia e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Talha - Lisboa - Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Alfama, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CONTRADIÇÕES

Não há dúvida que a república, que deve a sua existência não às figuras marcantes da política republicana, mas ao esforço dos trabalhadores, à medida que o tempo passa menos simpatias merece ao povo, merecê dos erros dos homens que tem estado à frente das instituições.

Esses homens, enquanto detêm o poder, embriagados pela ambição, procedem geralmente de maneira a incitar contra o próprio regime a justa indignação dos que às baixas coisas da política se conservam alheios, sendo frequente ver esses mesmos homens, uma vez na oposição, fazer, com aparentes protestos de sinceridade, actos de contrição, contrição que em regra não dura senão o tempo necessário para iludir o povo a fim de breve voltarem a alcançar o poder, onde, logo que novamente lá são levados, volvem a proceder como anteriormente, senão dobradamente pior.

Estes dez anos de república, tão pouco ditos que mais parecem dez séculos, provam à saciedade que não há, da banda dos políticos republicanos, como a não havia também por parte dos monárquicos, outra preocupação que não seja a de dispor do poder para darem largas a uma vaidade incensurável, do mesmo passo que do poder se servem não para atenuar seriamente as dificuldades, sempre crescentes, dos que trabalham, mas para se enriquecer, e aos grupos que os rodeiam, situações que não seriam factíveis se a sua actividade se desenvolvesse no campo do trabalho útil.

Exemplos a comprovar o nosso aserto são as dezenas e o mais recente é o do dado pelo *sol-disant* Grupo Republicano de Reconstituição Nacional, que ultimamente disse dos seus patrióticos propósitos não manifestar ao país, nem mesmo constituído por políticos que já produziram as suas provas, a maioria delas divorciada, por pequenas questões de penacho, do partido democrático, havendo dado, enquanto nesse partido se conservaram, a sua colaboração a todos os actos indignos postos em prática por semelhante agrupamento político, inclusive às vis perseguições realizadas contra o operariado organizado, tendo ainda algumas das suas figuras, como Sá Cardoso, quando presidente dum dos últimos ministérios, praticado contra o proletariado cruentas façanhas, que ainda não fo-

ram olvidadas. Basta-nos recordar agora, entre outros casos, a sua execrável atitude para com o pessoal ferroviário da C. P., quando em greve com a respectiva companhia; o infame episódio do vagom-fantasma, verificado em plena greve, e o infimo gesto, que se deve à sua alma de reaccionário impenitente, de deportar para Cabo Verde, sem processo nem julgamento, alguns operários que haviam sido expulsos pelo governo brasileiro, acto que o actual ministro, num requinte de malvadez que não nos surpreende, vem de agravar, fazendo remover para as mortíferas paragens da Guiné aqueles homens.

E são criaturas com este passado negro que se atrevem a vir a público afirmar amor pela liberdade, e respeito pelos princípios fundamentais da Constituição, como se não tivessem dado inconfutáveis testemunhos da que possuem uma alma fechada a todas as manifestações progressivas do espírito humano, e de que são dotadas de sentimentos os mais mesquinhos!

Se falarmos a linguagem da liberdade e do direito é porque bem sabem elas que, se se apresentassem tais como são, se não cobrissem os seus sentimentos sem grandeza com os europeus da mais baixa ficção, não lograriam iludir o espírito simplista dum parte do povo, que, por infelicidade sua, ainda se deixa suggestionar pelos polichinelos da política, bem depressa esquecendo geralmente os atentados de que é vítima.

O que se dá com o agrupamento partidário que vem de constituir-se é precisamente o que se verifica em relação a todos os outros agrupamentos políticos, desde os que se dizem mais avançados aos mais conservadores, pôsto que todos por igual portiam, mas só enquanto não dispõem do poder, em cantar hinos à liberdade, por não ignorarem que se exteriorizassem os seus verdadeiros sentimentos reaccionários não lhes seria fácil o acesso às cadeiras do governo.

Atente o povo na atitude bífrente de todos os agrupamentos políticos perante a ignóbil proposta da lei sclerada, ora em discussão no parlamento, e veja se encontra ali meia dúzia de parlamentares que com máscula energia, com desassombro e sincero amor à liberdade hajam combatido a monstruosidade jurídica que um governo que tem tanto de inepto como de perverso submeteu à sua consideração.

O terror branco na Hungria

A reacção húngara comete os mais odiosos crimes sobre o povo trabalhador - O horror dos morticínios começa a provocar o protesto mundial

A imprensa burguesa, que tem sensível e humanitária se mostra quando as populações revoltadas fazem cair sobre os seus despojos todo o peso das infâmias e tiranias que eles lhes tem imposto, alucinando de *terror vermelho* a acção naturalmente violenta do povo, não encontra na sua alma tão esquisitamente sensível às dores dos tiranos, os mesmos ansiosos de humanitarismo, e a fazem soltar brados de indignação contra os assassinos e vilanias praticadas pela reacção húngara, actualmente de posse do poder, facilmente protegida pelas nações aliadas, não menos reaccionárias.

Na Hungria impera o verdadeiro terror, que paciente e jesuiticamente escoa as suas vítimas, não poupando mesmo aquelas que, com a sua atitude equívoca ou oporcionista, em muito contribuíram para a queda da república proletária, cuja acção violenta, tam encarnadamente combatida pela imprensa mercenária de todos os países, não foi tam profunda como falsamente se propagou, limitando-se simplesmente a actos de legítima defesa, pois não perseguiu ferozmente os seus cruéis inimigos, que tendo tempo de se recompor, tratam de exercer contra os partidários da República dos conselhos, a mais perversa das vinganças.

Esperamos dar um relato mais desenvolvido das atrocidades cometidas pelos tiranos da Hungria, dando hoje a palavra a Angel Samblanc, que, sob o título *Hungaradas*, publica em *La Libertad*, jornal burguês de Madrid, um artigo rebatendo as afirmações dos governantes húngaros que hipocritamente negam o assassinato dum escritor daquele país, ignominiosamente sacrificado ao ódio negro da reacção.

Samblanc, juntando a sua voz ao protesto que tal crime provocou, diz: «André Latzko, o grande escritor húngaro, esteve preso na Bastilha de Budapest, desde Novembro do ano passado até fins da janeiro deste ano, época em que o processaram e condenaram à morte. A notícia, não só da sua condenação como também da sua execução, foi publicada em todos os jornais de Austria e Hungria, e até na câmara dos deputados de Budapest foi interpelado o governo sobre o assunto.

Assustado, Horthy, o famoso almi-

ante yermello, ante a tempestade de protestos e de indignação que o rumor do assassinato de Latzko desencadeou em todas as partes, deu um passo atrás e fez publicar uma rectificação oficial da morte do insigne novelista.

Mas aquela rectificação não tranquilizou ninguém, como tampouco o último desmentido tem conseguido vencer.

A estas horas ignora-se o paradeiro de Latzko e começa-se a temer que tenha sido cosido a punhaladas no próprio calabouço, e que tenham feito desaparecer, como aconteceu ao *leader* socialista Somogyi e tantos outros, arrojando o seu cadáver ao Danúbio.

A quem tenha seguido a acção do almirante vermelho do governo branco, a hipótese não lhe parecerá descabida. O de Latzko seria o assassinato cinco mil ou cinco mil e um, pois a tal soma se calcula que ascende o número de vítimas do terror branco.

Só no massacre de Keeskemten perderam a vida quatrocentos socialistas. Muitos destes desventurados foram encadeados vivos, com a boca amordaçada e atados com arames, que foram passados através das palmas das mãos e das carnes dos pulsos.

A maior parte das vítimas não se sabe como morrem. Desapareceram e nada mais. Estavam no cárcere e não dão já razão delas. Prenderam-nas os oficiais brancos, meteram-nas num automóvel, levando-as com rumo desconhecido, eis tudo. Assim sucedeu com Nicolau Cserevka, secretário do partido socialista, com Helena Szilgyi, jovem de quinze anos, com Bela Somogyi e Bela Baco.

Dos dois últimos conheceu-se recentemente o trágico fim por uma casualidade.

As pedras que os assassinos lhes meteram nos bolsos para que submergissem no Danúbio, caíram, e os seus cadáveres subiram à superfície do rio. Até ao momento em que foram encontrados flutuando nas águas ninguém sabia o que tinha sido feito deles. E' bom advertir que Somogyi era *leader* intelectual da direita do socialismo e que tinha sido, nos dias da República vermelha, inimigo irreconciliável de Bela Kun e dos comunistas.

Mas de pouco lhe valeu a sua mode-

NOTAS & COMENTÁRIOS

Alarme social!... O grande argumento de que se serve o governo para mostrar ao parlamento a necessidade da lei sclerada, sintetiza-se em duas palavras de larga significação, e que o Baptista aplica unicamente aos tumultos provocados por movimentos grevistas e reivindicadores operários. Sob a vasta capa de «alarme social», pretende o ultra-cômico Baptista pregar com algumas dezenas de indivíduos nas nossas florescentes colónias, onde a cultura dos mosteiros e a lambada dos negros são indústria rendosa para o capitalismo africano.

Alarme social! Não estarão compreendidos nestas duas fatídicas palavras os crimes da guarda, o assaltamento dos generos, a prosa de Baptista, a apreensão dos jornais, as prisões arbitrárias, os escândalos da imprensa burguesa, a prostituição sempre crescente, os escândalos das subsistências, as negociações dos navios e a própria lei sclerada?

A vontade do Baptista é um homem incontestavelmente esperto, um coração de ouro. Baptista não é autoritário, é bom e condescendente. Não tem responsabilidade alguma nas mortes produzidas nestes últimos tempos. Ele é o deus dos operários e a consolação dos desprotegidos; representa a vontade absoluta da nação; conseguiu resolver todos os intrincados problemas sociais; deu grande incremento ao ensino e criou universidades; distribuiu a luz e a ciência prodigamente; é indubitavelmente um literato de talento. E' alto, é forte, é leal, é recto.

Alguma vez havíamos de escrever à vontade do senhor!

Mania da perseguição Naquela manifestação que, no Porto, promoveu o Lusitano Republicano Radical, o entusiasmo da população da cidade tocou as portas do delírio. Parecia que os manifestantes iam presos, tanta era a polícia e a guarda republicana espalhada pelo percurso... por causa da violência dos aplausos populares, já se deixa ver.

Ainda para conter o seu entusiasmo pela obra do Baptista, foram presos nove pacíficos cidadãos que estavam na praça da República, os quais foram restituídos à liberdade, depois de ter dispersado a mascarada.

Nada, que aqueles nove bicos podiam trazer a revolução social na algibeira do colete...

A censura Ontem não foi consoante, mas com o nosso colega *O Combate*, que a polícia embirrou, não o deixando circular. Quando não é com um e com outro, agora os dias em que ambos somos amordaçados pela mesma mão, que não permite que as verdades se propaguem, ainda mesmo quando essas verdades, como no caso presente, são escritas pelos mais cotados republicanos.

Até as próprias opiniões se lhes afirmaram subversivas!

CONSELHO JURIDICO da C. G. T.

Partiu ontem para Tomar, onde se demora até amanhã, o nosso amigo e camarada dr. Sobral de Campos, que ali vai tratar dum caso de accidentes no trabalho, de interesse para a organização operária, devendo partir na quinta-feira para Guimarães, onde se ocupará do processo do nosso camarada Jerónimo de Sousa, que continua detido na cadeia daquela cidade.

ração. Os brancos assinalaram com ele a sua sanha e a sua crueldade.

As informações colhidas para a investigação judicial aberta por motivo do achado dos seus despojos, afogam a respiração na garganta.

Oito homens meteram ao anoitecer Somogyi e Baco num automóvel oficial e conduziram-nos à beira do Danúbio.

As cordas com que amarraram os presos enterraram-se tam profundamente na carne destes que, depois de mortos, se notava perfeitamente nos seus pulsos a marca sangrenta das ligaduras.

O cadáver de Somogyi apresentava a cabeça fendida em três partes distintas; tinha os olhos vasados e o nariz seccionado.

O corpo de Baco estava crivado de feridas. Três esburacavam-lhe o peito e cinco o ventre.

Tinham arrojado a ambos, com as algibeiras cheias de pedras, ao fundo do rio.

Ora bem: não terá cabido a André Latzko uma sorte semelhante?

Aos intelectuais e aos homens livres de todo o mundo lhes cumpre averiguar.

Assim termina Angel Samblanc o seu artigo, esperançado, sem dúvida, de que as suas palavras vão ressoar na consciência universal, levando-a a intervir contra tam bárbaros processos de governo, actualmente em vigor na Hungria.

Em algumas cidades de além fronteiras, tem-se realizado já várias sessões de protesto contra a feroz tirania dos governantes ultra-reaccionários daquele país, pois se começa a ter conhecimento dos seus crimes.

Esses protestos não conseguirão, com certeza, opor um obstáculo imediato às perseguições e assassinatos que a burguesia húngara está cometendo, mas as atrocidades por ela praticadas correm poderosamente para atear a grande fogueira que há de reduzir a cinzas todo o poder do capitalismo explorador e assassino.

DEPOIMENTOS INSUSPEITOS

Poderia supor-se que exagerávamos se fossemos apenas nós a considerar a lei de excepção, que ora se discute no parlamento, mais monstruosa que a de 13 de Fevereiro de 1890. Alguns parlamentares que tem discutido aquela proposta tem asseverado também que se trata dum lei mais sclerada.

Vem, pois, a propósito reproduzir algumas opiniões de outros republicanos sobre a lei de 13 de Fevereiro, na certeza de que seriam mais violentos se se pronunciassem sobre a que um governo que se diz republicano levou agora ao parlamento.

A lei de 13 de Fevereiro é uma iniquidade monstruosa. Ditou-a o medo e a estupidéz, a ferocidade e a hipocrisia. A existência de semelhante lei deshonra o poder que a gerou e a nação que a tolera. O poder, decretando-a, recusa a liberdade de pensamento, isto é, vedando ao homem o direito sublime de ser homem. Mas a nação, excecando a lei, e tornando-a possível pela covardia e pela indiferença, declara-se morta ou moribunda, porque vê o crime e não o evita, porque é alçada e não reage. Essa lei de 13 de Fevereiro, além do estigma do poder, é o epitáfio dum povo.

Os cadafalsos e as fogueiras queimaram e trucidaram na praça pública, ao ar livre, diante dos homens e de Deus. O carrasco matava, mas permitia a dor que gemesse, à misericórdia que chorasse. A força no meio do povo era o crime, mas quasi sempre o crime fanático, por erro intelectual, pela vontade do maior número. A lei de 13 de Fevereiro é uma força de sombra, uma guilda de silêncio. Mal o dedo sinistro designou a vítima, sicários rodeiam-na, baldeando-a, como um fardo, da enxovia ao porão, do porão ao presídio, do presídio à vala. Se grita, amordaçam-na. Se se debate, espancam-na. Escusa de interrogar, de perguntar ao juiz, - que lei me condena? - O juiz é surdo e é mudo, lava a sentença com um gesto. E que protestarem serão convenientes, e que narrarem a infâmia serão cúmplices. E' o assassinato clandestino.

Ainda que mil olhos o vejam, não lê testemunhas, realizou-se de noite e num deserto. E' a letra do código. O código diz bem: um vago, um lúgubre deserto de consciências e vontades.

Eis aí o mecanismo ágil desse instrumento de terror. As vítimas desaparecem como fumo. Nem tumultos que alestrem, nem sangue quente que embodeie. Uma drama enevoado, que se evapora no vazio.

Mas esse instrumento de morte, tam limpo e tam pronto, ja quem ameaça, que vidas reclama?

A lei o vai dizer:

«Aquele que por discursos ou pa-

A lei de 13 de Fevereiro não é só uma monstruosidade; é também uma deshonra que deve ser eliminada por dignidade de todos e até do próprio governo.

MAGALHÃES LIMA

Ignorância perversa

Um tal sr. Alfredo Mela alongava-se ontem, no *Século* da noite, em considerações baptistas, ou talvez ainda mais perversas do que as ideias do sr. Baptista, seu inspirador por certo. Com a boca do artista, com frases de *amigo Banana*, que nos fazem duvidar que haja alguma porção de fósforo no seu desmoldado crânio. Para ele a lei defeituosa que dá um efêmero direito à greve é precoce, pois considera que o proletariado a tem excedido e dela tem abusado.

Ora, será bom fazer notar ao sr. Mela que o operariado não precisa de leis que o autorisem a fazer greve, visto que esta traduz um gesto revolucionário, sem necessidade, portanto, de regulamentação, e tanto isto é assim que já muito antes da existência daquela lei o operário se declarava em greve. Agora, o que o sr. Mela não conseguiu compreender, porque naturalmente é refractário a tudo quanto seja visão clara dos factos, é que há indivíduos - a quem desdenhosamente chama *menores* - mais conscientes, que outros e dotados de maior espírito de sacrificio, que abandonam os seus interesses, o seu bem-estar e o dos próprios filhos pela causa alheia, que é também a sua, e que, expondo-se às constantes perseguições governamentais, aconselham aos seus camaradas de trabalho a melhor forma de fazerem virar as suas reivindicações. Alguns desses *menores* que o sr. Mela diz não possuírem «filhos famintos, e andarem bem comidos e bebidos», podem mostrar-lhe as cautelas de penhores dos tarcos empenhados e os filhos raquíticos e tuberculizados, não apenas pela fome que durante a greve passam, mas pela que a parca féria obriga a sofrer durante anos intermináveis, gastos nesse tal trabalho em «sosego», que o artista exalta.

E' também desnecessário que o sr. Mela - que não sabemos se come bem e explora operários por sua conta - faça a apologia da deportação para as colónias, pois lá está o presidente do ministério que não sonha com outra coisa.

Vemos, pois, por esse pedaço de prosa delambida que o sr. Mela desconhece por completo uma sciência moderna que se chama sociologia, cujo conhecimento é bastante necessário a quem de-seja andar a par dos factos e fenómenos da sua época. Aconselhamos-lhe um pouco de estudo, porque o estudo é muito útil a quem rabisca asneiras à toa.

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

Na sua reunião de ontem apreciou a U. S. O. a comunicação feita há dias por um delegado da Associação dos Manipuladores de Pão, acerca da moção votada no comício realizado pela referida classe sobre o tipo único de pão, reclamação esta que é da autoria da organização operária, que por mais de uma vez tem demonstrado com argumentos indestrutíveis ser este o único meio do povo ser menos ludibriado e envenenado do que o tem sido até agora.

A organização sindical perfiha ainda aquela sua antiga reclamação, na certeza de que só de tal forma se porá termo aos constantes abusos da Moagem e da Panificação.

Guerra JUNQUEIRO.

A lei de 13 de Fevereiro não é só uma monstruosidade; é também uma deshonra que deve ser eliminada por dignidade de todos e até do próprio governo.

MAGALHÃES LIMA

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

De terras de África

Algumas greves importantes

A questão económica continua a ser aqui a questão primordial. A manutenção da alta da libra, cotada neste momento a 14900, (média em que se mantém há três meses), torna dia a dia mais difícil a situação daqueles que em escudos ganhavam e os mesmos escudos continuavam ganhando. Só quem já ganhava em ouro e quem passou a ganhar moeda, como os empregados públicos, se agumentam, por enquanto, no balanço - (havendo a notar que, dos empregados públicos, só passaram a receber em ouro os que recebiam a antiga subvenção de 30800, continuando os infelizes que a não tinham a ser vítimas da mais odiosa excepção e exploração do Estado.

O resultado é que as classes que ganham em escudos se agitam. Primeiro, os metalúrgicos da casa Le May, que tiveram em greve dois meses, pouco mais ou menos, e que já retomaram o trabalho parcialmente vitoriosos, recebendo uma indemnização de vinte libras, pelos dois meses de greve, mas não conseguindo, como, entre outras coisas, pretendiam, o pagamento em ouro.

Depois, lançaram-se na greve os empregados do comércio (de balcão e escritório), perdendo a desastrosamente de poucos dias, quasi sem luta, havendo numerosos despedimentos, que felizmente, se sanaram pela troca; que em consequência se estabeleceu, dos empregados.

Uma das principais reclamações era o pagamento em ouro, e dizem-nos que um dos motivos porque se perdeu a greve foi por os numerosos empregados do comércio ingleses que aqui há, que a princípio entraram nela, retomarem breve o trabalho devido a serem em ouro os seus ordenados.

Neste momento agitam-se os gráficos da indústria particular e dos jornais. A indústria tipográfica particular tem duas nuances distintas: uma casa inglesa, com pessoal quasi exclusivamente em inglês, ganhando em média seis libras semanais, o que ao câmbio actual de 14900 representa 84000 por semana, e três casas portuguesas, com pessoal quasi exclusivamente composto de nativos, ganhando, em escudos, uma média, actualmente, de... 20800 por semana!

O atrazo dos operários portugueses e a consciência dos ingleses

E' o momento oportuno para fazer algumas considerações sobre as relações dos operários de Lourenço Marques com os operários da União Sul-Africana. Posso afirmar-vos que se não fosse o atrazo de consciência do operariado, haveria mais relações, aqui, com as organizações da União, que com os da Metrópole, que peca por estar muito distante.

As organizações da Africa do Sul, tem aqui numerosos compatriotas, quasi todos, dentro da solidariedade mútua que entre si caracteriza os ingleses, seus filiados.

Os gráficos ingleses, por exemplo, tem aqui uma sub-sucursal da União Tipográfica Sul-Africana, que está em estreitas relações com este organismo federativo, e segue todas as suas instruções cegamente, obtendo todos os proventos dos seus movimentos, porque o seu patrão, sócio da Associação Industrial da Africa do Sul, respeita não menos cegamente os acordos celebrados por aquela com a União Tipográfica, sendo poderosíssimas as organizações patronal e operária na Africa do Sul.

A União Tipográfica Sul-Africana deseja que a sub-sucursal aqui, fosse constituída também pelos portugueses, e nesse sentido enviou delegados, há anos, propagando o ingresso dos portugueses. Mas a cotera era um «shilling» e picos por semana, a consciência não era muita e muitos não toleravam os ingleses da Africa do Sul, influenciados pelo espírito patriótico, inscrevendo-se por isso só uns três, que breve a largaram.

Recentemente, a União Tipográfica reuniu com o industrialismo da Africa do Sul (tipografia, papelarias e empresas jornalísticas), em Johannesburg, em conferência, para se acordar em tabela de preços, redução de horário e aumento de salário, em toda a Africa do Sul, pretendendo a União Tipográfica que os operários ganhem o suficiente para, feitas as despesas de alimentação, vestuário, etc., lhes sobejaem o pasmem os industriais daí - *livres em absoluto*, cinco libras por mês!

Uma conferência realizou-se, tendo a Associação Gráfica de Lourenço Marques, onde os ingleses daqui também pertencem, sido convidada para ela, não indo nenhum delegado por carência de tempo, mas enviando-se uma opinião escrita, no sentido de apoiar as reclamações e fazê-las adoptar em Lourenço Marques, aparte o salário único que se usa na Africa do Sul e que aqui não era possível estabelecer, atenta a disparidade dos salários com os dos ingleses, e a diferença de habilitações, pois a maioria dos nativos pouco sabe da profissão. Pensara-se em fazer adoptar o salário inglês para os tipógrafos brancos ou de cor perfeitamente habilitados e fazer subir todos os outros progressivamente até eles por uma regulamentação a estabelecer.

O tempo passou e só agora se sabe que virá aqui brevemente um delegado, talvez o secretário geral da União Tipográfica Sul-Africana. Mas a alta do custo da vida tem sido enorme e os gráficos da indústria particular resolvem não esperar mais.

Resolvem-se, por isso, reclamar para os gráficos das casas portuguesas o pagamento em ouro estabelecendo-se a

equivalência dos actuais salários com a libra cotada a 7800, o que representa, ao câmbio actual de 14900, a reclamação de 100 %, de aumento, reservando-se para melhor oportunidade reclamar a diminuição do horário, que é de 8 horas na indústria e de 6 na imprensa Nacional.

Enfim esta fase do movimento, os gráficos da casa inglesa e os duma pequena casa indiana, que paga em ouro, reclamaram o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre? E' o que vamos ver.

E' a luta contra a carestia da vida, na sua maior plenitude, pois simultaneamente, por iniciativa da Associação das Artes Gráficas, está reunida uma comissão delegada dos sindicatos operários, que vai reclamar várias medidas económicas das bases da Cooperativa Popular da Província de Moçambique, que está sendo apoiada com certo entusiasmo, atenta a indignação existente contra o *honrado* comércio.

Casa dos Trabalhadores em Lisboa

Os sindicatos locais vão, a meu con-

te, lançar a ideia da coadjuvação a obra pela Batalha empreendida, da construção da Casa dos Trabalhadores em Lisboa.

O *Emancipador*, jornal socialista que não tem horror ao sindicalismo, defendeu no seu último número esta coadjuvação, a que dirigiu palavras de incentivo.

Do que houver darei noticia.

Ainda a reacção!

O *Oriente*, jornal indiano reaccionário, deu a alma ao Creador, quasi após umas curiosas peripécias.

A imprensa local, na sua maioria, enfileirou com ele - até mesmo (e isto é que admira), o jornal do socialista, nativo, João Albasini, que está aí, e tem escrito artigos vários no *Combate*.

Prova isto que me enganai quando disse que havia aqui já os cabanos duma evangelização social da raça negra, levada à prática por um grupo de nativos e alguns europeus, pois, quanto aos nativos, referindo-me eu a Albasini e aos que o rodeiam, está feita a prova agora com a atitude de *O Brado Africano*, que, pelo visto, também é serventia de pedreiro ao Capital.

Para protestar contra a reacção houve aqui um comício, que não foi muito feliz, pelo que não merece menção especial.

Repressão do jogo

Assim que aqui chegou telegrama participando a determinação da repressão do jogo em Portugal, foram também mandadas fechar as tavolagens existentes, que regulavam por uma dúzia, pois jogava-se aqui desenfreadamente, sendo enorme o número dos apaixonados e apaixonadas do pano verde, que se ostentava aqui em verdadeiros palácios, frequentados pela aristocracia do dinheiro e pelas numerosas mundanas que por aqui pairam. - *Correspondente*.

A selecção nas obras do Estado

Chegam-nos informes da forma injusta por que se está realizando a selecção do pessoal nas obras do Estado, pois parece que se aproveita o ensejo para satisfazer mesquinhas vinganças, por muito mais caro aos aqueles que estão lançando na maior miséria dezenas e dezenas de trabalhadores.

Nas obras de Santa Marta, dizem-nos que foram despedidos 39 operários, alguns com dez e mais anos de casa, profissionais reconhecidos, enquanto ali ficaram trabalhando outros indivíduos, por muito mais baratos, que estão lançando na maior miséria dezenas e dezenas de trabalhadores.

Nas obras do Instituto de Medicina Veterinária foram despedidos, entre eles um antigo guarda, de nome Leitão, já invalido, para no seu lugar ficar um indivíduo que é reformado da Penitenciaría de Lisboa, o que, pelos modos, goza de saúde. Motivo alegado para os despedimentos: a celebre selecção.

Nas obras do Conservatório, continuam a ser despedidos, entre eles o mestre Gil, com quem fiviera uma questão há quatro anos; António de Sousa, porque não passou a ser recuou a trabalhar numas obras de empreitada que o mesmo mestre tinha na Biblioteca Nacional, devido a esse sr. não querer compensar devolução do seu trabalho; António Coelho, foi vítima do ódio do apontador Mário Luis Cardoso, porque em tempos nos trouxe a notícia dum processo de ralatório sr. que regressa um resma da colização para a Casa dos Trabalhadores, que estava afixado numa parede; João Alonso e Miguel Marques foram apontados pelo encarregado José Machado, que cedo se esqueceu de que ainda há pouco era operário, o primeiro por ter tido uma zanga com ele e o segundo por se ter recusado a fazer-lhe um recado.

Enquanto estes profissionais são despedidos, o tal mestre Gil deixou ficar na obra dois filhos, um irmão e um cunhado, que não possuem habilitações, especialmente os dois últimos, um deles é um péssimo pintor e outro, simples servente, está como capangueiro.

Nas obras do novo arsenal no Alfeite, os operários profissionais recusaram-se a inspecção, pois ali os operários não tem reformos ou outras resalias.

A nova inscrição de pessoal tem-se apresentado grande número de serventes, com os quais a junta está fingindo que continua as obras, o que se torna impossível, pois não há profissionais competentes, o que dá um resultado contraproducente para o Estado.

Dizem os operários que se a junta autónoma quizesse, se chegaria facilmente a um acordo, evitando-se muitos prejuizos e desgostos.

Um conflito teatral?

Ao que nos consta, deu-se um sério conflito entre a empresa do Teatro da Trindade e alguns dos seus artistas. Segundo as nossas informações, a esse conflito não é estranha a próxima ida a Madrid da companhia do referido teatro.

Operário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a Casa dos Trabalhadores", não te demores em fazê-lo

